

CRÔNICA ENORME

RUBEM BRAGA

DURANTE a última guerra um batalhão inteiro do Exército norte-americano foi prêso na França. Todos os seus homens foram julgados, e todos foram condenados. As penas maiores foram reservadas aos oficiais mais graduados; as menores aos pracinhas.

Esse batalhão norte-americano foi prêso pelo próprio Exército norte-americano. Apurou-se que toda a unidade se transformara em uma organização de mercado negro, tendo construído até desvios ferroviários para esconder mercadorias. O escândalo foi grande, e não se fez coisa alguma para diminuí-lo; lembro-me de que li essa notícia, com todos os detalhes, no órgão dos soldados americanos, "Stars and Stripes".

Agora, depois da guerra, alguns generais norte-americanos foram afastados e processados sob a acusação de terem recebido comissões de firmas fornecedoras de material. A divulgação do fato foi enorme.

Eu pergunto se depois disso o Exército norte-americano ficou desmoralizado. É óbvio que não. Pelo contrário: mostrando sua capacidade de vigilância contra a corrupção e de energia no castigo aos que deslustram a farda, ele aumentou seu prestígio e sua força moral.

A História mostra esta coisa simples: toda corporação de homens pode ser atacada pela corrupção em alguns de seus membros. O grau de corrupção varia. Ele tende a aumentar quando as faltas são escondidas e as punições evitadas sob a alegação de que é preciso salvar o bom nome da corporação. Não se salva o bom nome; e muito menos a decência.

Essas considerações, acaciaas de tão óbvias, se aplicam, eu já disse, a todas as corporações humanas, inclusive às Igrejas, aos Estados Maiores, aos Parla-mentos, aos Ministérios, aos Tribunais e aos clubinhos de futebol da várzea; a todas — menos à Polícia do Distrito Federal.

A Polícia do Distrito Federal está, como a mulher de César, acima de qualquer suspeita. E pode mesmo se entregar a um luxo infinito de honestidade: acusar-se para mostrar depois o quanto é pura.

Vejamos o caso recente. A Polícia chamou os jornalistas e mostrou-lhes um livro apreendido na gaveta de um bicheiro. Escândalo! Ali estavam anotados nomes de funcionários policiais e importâncias do suborno mensal concedido pelo bicheiro. É horrendamente lamentável dizer — mas eu farei! — que o escândalo foi enorme ponto e vírgula; mas não foi tão enorme assim outro ponto e vírgula; e mesmo quase não foi grande mais outro ponto e vírgula; e na verdade consistiu apenas do fato de haver uma

escrita e ser ela mostrada, e não no fato em si, no fato da corrupção. Pois só quem quiser que as pedras da rua vão e os asfaltos rebentem de cólera ousará negar que a corrupção de policiais pelos bicheiros é um fato sabido, tradicional, público e notório, que vem desde a Primeira República, atravessou a Segunda, entrou pela Ditadura e prossegue na Terceira. E' um fato estabelecido historicamente, sabido de milhões, um fato diário e diariamente repetido.

O que foi novo no caso foi a coragem de uma autoridade policial em expor ao público, através da imprensa, os nomes dos funcionários policiais. Aí, e só aí, residiu o escândalo. Um escândalo, portanto, sadio, um escândalo de justiça, um escândalo de moralização.

Bem, e que aconteceu? Começou-se a dizer que, embora o bicheiro declarasse ser verdadeiro o livro, tudo aquilo podia ser uma infernal manobra para desmoralizar a Polícia. E depois? Abriu-se um inquérito, naturalmente. E agora? Grandes auto-manifestações na Polícia para desagravo moral da classe. Mas se não havia certeza, por que se publicou o livro? Algum crime existe aí: ou corrupção ou calúnia pública. Algum crime — e uma dose infinitamente pesada de ridículo. E tudo, tudo, tudo, partido da própria Polícia, feito pela própria Polícia, divulgado pela própria Polícia, negado pela própria Polícia!

Tão antiga e tradicional me parece a corrupção de policiais pelos contraventores que, se me permitem falar com toda a franqueza, tenho alguma tendência a considerá-la já um tanto respeitável. Se o general Dutra tivesse a luminosa idéia de me nomear amanhã de manhã chefe de Polícia e amanhã mesmo eu recebesse provas concretas, cabais, inofismáveis de que determinados funcionários tinham sido subornados pelos bicheiros — confesso que eu teria escrúpulo em puni-los. Não o faria nunca sem lhes dar aviso prévio e de comprovar que mesmo depois desse aviso continuavam a receber as propinas. Sempre me repugnaria colhêr de surpresa funcionários que praticavam uma prevaricação que muitas vezes é exercida no Brasil pelos próprios governos interessados em juntar fundos para campanhas políticas. Eu não iria punir, sem uma advertência, nos pequenos funcionários, a prática de atos tantas vezes aqui ou ali feitos por ordem das mais altas autoridades. Mas depois disso, na hora de agir, eu não teria a menor dúvida em apontar os nomes dos culpados e declarar a extensão do vício. E não acharia que assim estava desmoralizando a Polícia; acharia que estava moralizando a Polícia.

Mas ora, senhores, eu não sou chefe de Polícia e é provável que não o seja, e mesmo que não aceite o cargo, ainda que o presidente Dutra insista carinhosamente. E' melhor que eu continue a fazer crônicas, e por sinal que esta de hoje está enorme. Que fazer? O caso é que é enorme; e não desmoraliza ninguém, porque faz rir a todos.

23.9.49